

Um capitel jónico romano descoberto no subsolo do Museu de Évora¹

Theodor Hauschild*

Resumo

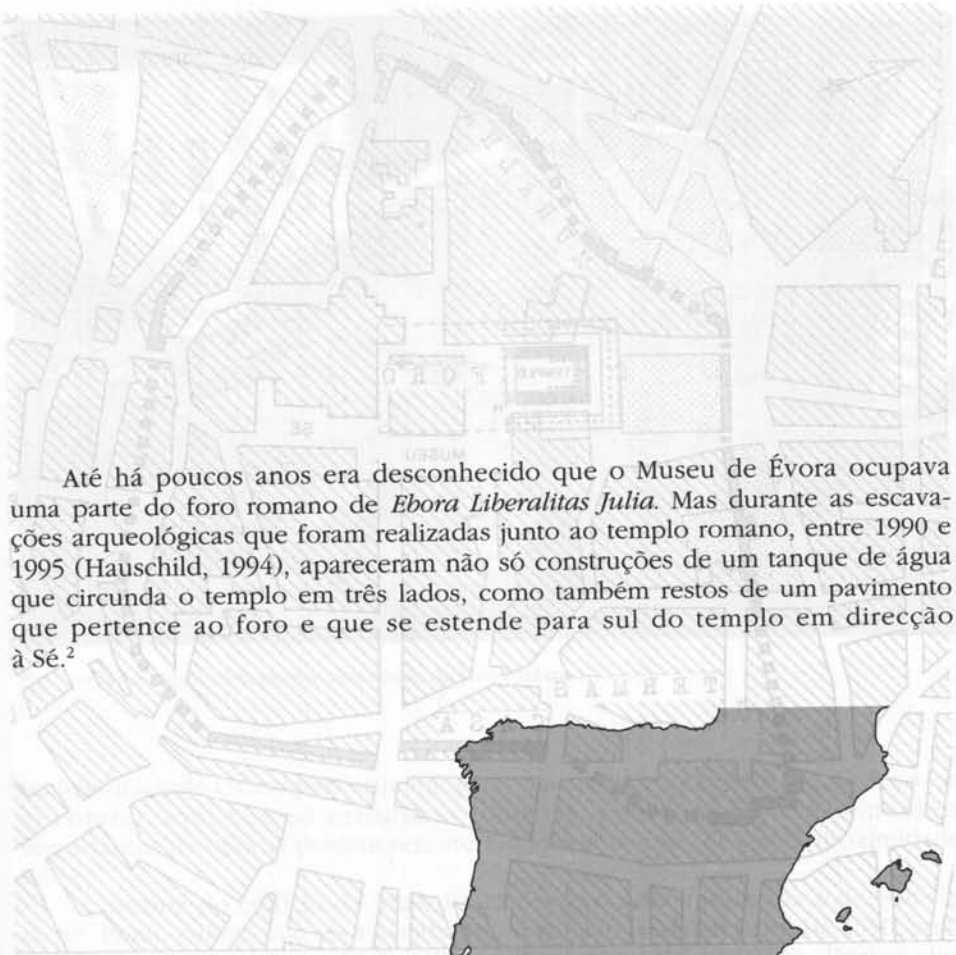
Nas escavações arqueológicas realizadas em 1996 a Sul do templo romano de Évora, no subsolo do Museu de Évora, foram descobertos vestígios do pavimento marmóreo do *forum* e também fragmentos de uma decoração arquitectónica, entre os quais um capitel jónico de grandes dimensões. Este facto e o achado do capitel no limite sul do foro permitem supor que pertencem a um edifício monumental, provavelmente à basílica.

Abstract

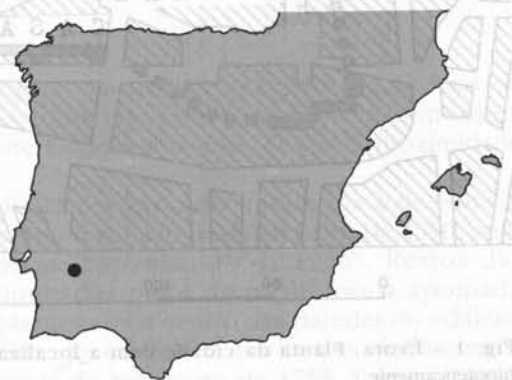
Recent excavations in the center of the Évora, near the Roman temple and beneath the building of the Museu de Évora, have brought to light further evidence of the marble floor of the forum, as well as some fragments of architectural decoration, for example from an Ionic capital. The dimension of this capital and its location in the Southern limit of the forum suggest that it was part of an official building, probably the basilica.

¹ A versão em português foi revista por A. Gonçalves.

* Cerrado Grande, Arroeiros – Igreja Nova, 2640 Mafra.



Até há poucos anos era desconhecido que o Museu de Évora ocupava uma parte do foro romano de *Ebora Liberalitas Julia*. Mas durante as escavações arqueológicas que foram realizadas junto ao templo romano, entre 1990 e 1995 (Hauschild, 1994), apareceram não só construções de um tanque de água que circunda o templo em três lados, como também restos de um pavimento que pertence ao foro e que se estende para sul do templo em direcção à Sé.²



A área do foro romano de Évora estava coberta por grandes placas de mármore, das quais se encontram, na verdade, apenas pequenos fragmentos *in situ*, ou seja sobre a extensa superfície do pavimento de argamassa que serviu de base às placas de mármore, pavimento que apresenta ainda as marcas das placas retiradas em época pós-romana (figs. 1 e 2). O foro está limitado a Norte

² Os trabalhos de escavação foram efectuados pelo Instituto Arqueológico Alemão, com o apoio da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (Prof. P. Fialho) e da Câmara Municipal de Évora.

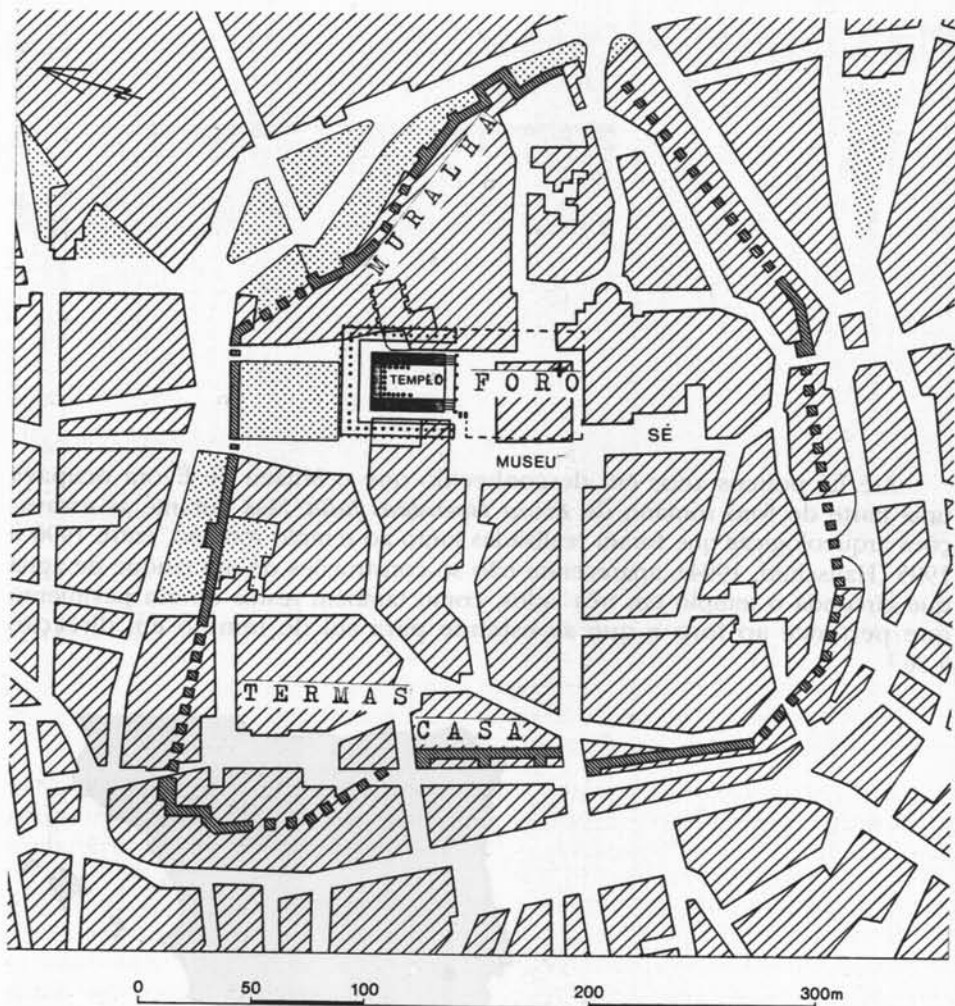


Fig. 1 – Évora. Planta da cidade com a localização do templo e do foro reconstituído hipoteticamente.

pele recinto do Templo e a Este e Oeste por outras construções que estão ainda por explorar. O limite Sul deverá encontrar-se por baixo do Museu da Cidade, ou seja, em frente do templo, onde normalmente se encontraria um portão grande ou uma basílica. A zona do Museu da Cidade constitui desta maneira um importante sítio para a compreensão das estruturas do foro e para a urbanística da cidade romana em geral.

Foi por isso compreensível que, em 1995, quando se planeou uma ampliação do museu no sentido de aproveitar o espaço da respectiva cave, se



Fig. 2 – Évora. Vista do templo e dos restos do foro romano.

tenham iniciado escavações arqueológicas que ainda hoje perduram³. Esperou-se encontrar aqui não só estruturas romanas, como também testemunhos importantes de épocas posteriores, até à época moderna, devido à proximidade da Sé.

A história do edifício do Museu está desde o princípio ligada à do edifício da Sé. Ponto culminante foi a instalação do palácio bispal, a partir de 1590, pelo arcebispo D. Teotónio de Bragança (Espanca, 1951, 1966). Restos das construções anteriores são testemunhados pelos arcos de forma apontada (góticos) dos séculos XIII e XIV, existentes ainda dentro das paredes do edifício.

É difícil compreender a história do edifício a partir dos documentos conservados, sobretudo antes e depois do terramoto de 1755. Sabe-se que o edifício se manteve como sede do bispo durante a primeira metade do século XIX, tendo porém sido abandonado como palácio no princípio do século XX. Posteriormente, foi utilizado como sede da polícia e, mais tarde, em 1929, foi destinado a museu⁴.

As novas escavações incidiram nas zonas Sul e Este do edifício onde não existem caves. Os trabalhos realizados pela ARKHAIOS, dirigidos pela arqueóloga A. Gonçalves, apresentaram resultados assombrosos principalmente

³ A escavação realizou-se no âmbito do Projecto de Remodelação e Valorização do Museu.

⁴ As primeiras escavações para adaptação da cave à colecção arqueológica foram realizadas em 1967 (arquivo da Direcção Regional dos Edifícios e Monumentos do Sul).

no que respeita às sepulturas de época medieval, relacionadas provavelmente com a ordem dos cavaleiros de Évora. A. Gonçalves já apresentou uma parte dos resultados da escavação no III Encontro de Arqueologia Urbana, em 1996 (Gonçalves, 1997). À sua amabilidade se deve a possibilidade de poder apresentar aqui o fragmento de um capitel romano que apareceu debaixo do pavimento do séc. XVI, na sala situada no canto sudeste do antigo palácio, encaixado entre as pedras que formam uma parede lateral duma sepultura (sepultura M) de época medieval.

O fragmento do mencionado capitel é de granito e forma parte do conjunto da sepultura. A peça apresenta várias faces quebradas e todas as superfícies muito desgastadas (fig. 3). As dimensões são: largura – 0,86 m; fundo – 0,45 m; altura – 0,28 m. Cremos que a largura terá sido certamente maior, talvez com mais de 3 pés, o que se deduz da vista frontal que apresenta as partes laterais bastante danificadas. O capitel está fracturado na face anterior, na zona média do bloco e, também, na base, pelo que não é possível demonstrar a ligação à coluna. Apesar destas fracturas e da incerteza quanto à forma da base podemos interpretar este capitel como sendo de tipo jónico, pela sua decoração. Assim, destaca-se na parte frontal, como elemento relevante, um liston de óvulos e dardos que, pela sua forma e proporções, se assemelha a modelos clássicos.



Fig. 3 – Évora. Museu. Capitel de forma jónica (sepultura M). Vista frontal.

A sua altura aproximada é de 0,12 m, a distância dos óvulos na linha dos eixos é de 0,15 m e a largura dos óvulos de 0,08 m (fig. 4a). Podemos supor que

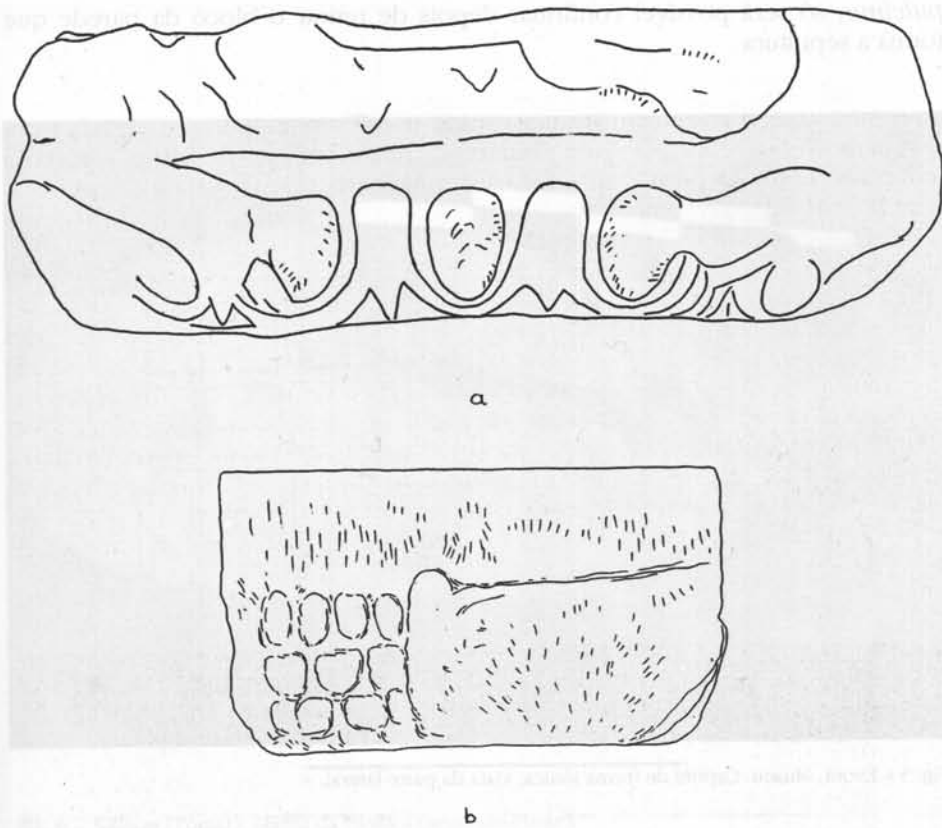


Fig. 4 – Évora, Museu. Capitel de forma jónica, desenho da parte frontal (a) e da parte lateral (b). A. Gonçalves.

existiu também um astrágalo que foi retirado seguramente junto com as volutas e parte de baixo do capitel para uma reutilização do bloco granítico. Como podemos deduzir da fotografia e do desenho, existem indícios das palmetas, do *canalis*, ligeiramente aprofundado abaixo do ábaco, mas não – como já foi mencionado – das volutas angulares. Apesar disso, fica a impressão que se trata de um capitel de qualidade, o que é demonstrado pela boa execução do filete de óvulos, que conserva os restos das suas conchas e respectivas divisões em forma de dardos lanceolados. Podemos também ter uma ideia da superfície coberta com estuque trabalhado com formas mais pormenorizadas.

Das faces laterais do capitel conservou-se, no lado direito, uma decoração de roletes ou pequenas bolas de 4 cm de diâmetro e outra fileira de elementos redondos de 5 cm de diâmetro (figs. 4a e 5). Até que ponto estas formas ocuparam todo o lado lateral do capitel, formando uma parte da decoração do

pulvinus, só será possível confirmar depois de retirar o bloco da parede que forma a sepultura.



Fig. 5 – Évora, Museu. Capitel de forma jónica, vista da parte lateral.

É também digno de menção a proporção da frente do capitel, que é de 1 (altura) para 3 (largura), em que a largura das volutas destruídas só pode ser estimada. Se nos basearmos então nas indicações de Vitruvio de que a altura do capitel jónico corresponde a 1/3 da largura da coluna (Vitruvio, 4. 1.), chegamos à conclusão de que, se a altura do capitel é de mais de um pé, a largura da coluna foi de mais de 3 pés, ou seja, semelhante às colunas do templo de Évora. Os restos visíveis do capitel do Museu de Évora correspondem ao tipo do capitel jónico canónico (Pensabene, 1973; Bingöl, 1980; Gutiérrez Behemerid, 1992).

Tendo em consideração o tamanho deste capitel, podemos admitir que formou parte de um edifício monumental, que pelo seu tamanho ultrapassou um simples pórtico. Pensamos, neste caso, tratar-se de uma basílica que estaria localizada, talvez, tendo em conta o local do achado, no lado estreito, ou seja a sul do foro onde foi construída a Sé medieval.

Na Lusitânia foram construídas algumas basílicas forenses no estilo jónico, como é demonstrado pelo exemplo da basílica do fórum de *Sellium* (Tomar). Neste caso, trata-se também dum edifício projectado, aparentemente, no lado estreito do foro (Ponte, 1985, fig. 19; Alarcão, 1990, figs. 6 e 7) (fig. 6). O capitel conservado mostra uma forma inacabada, ou seja, corresponde à preparação de uma forma básica para a aplicação posterior do estuque (fig. 7b).

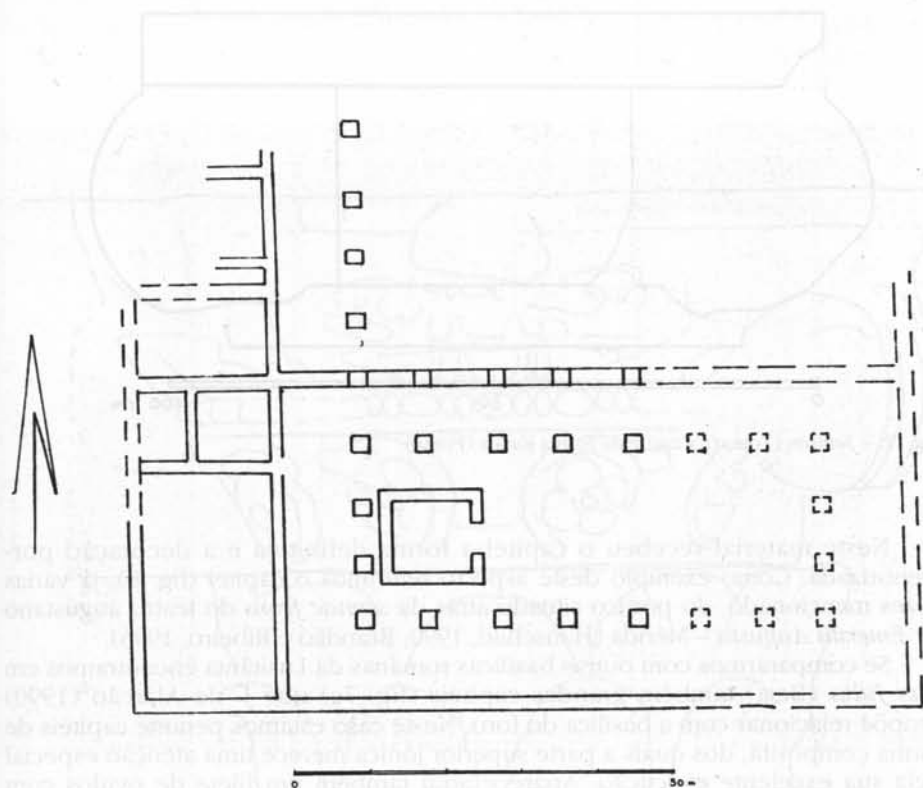


Fig. 6 – Sellium (Tomar), planta da basílica (segundo Ponte).

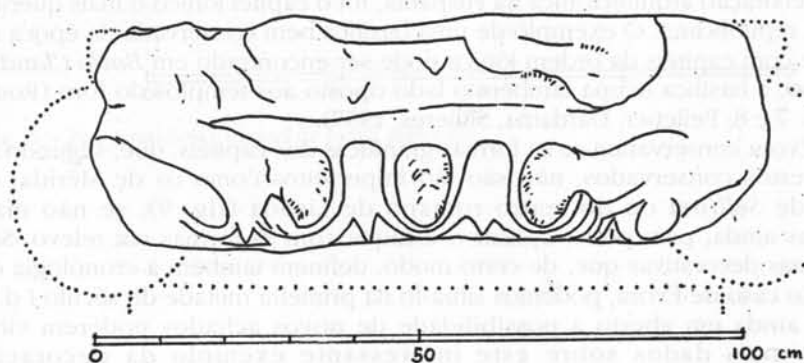


Fig. 7a – Évora, Museu. Capitel de forma jónica.

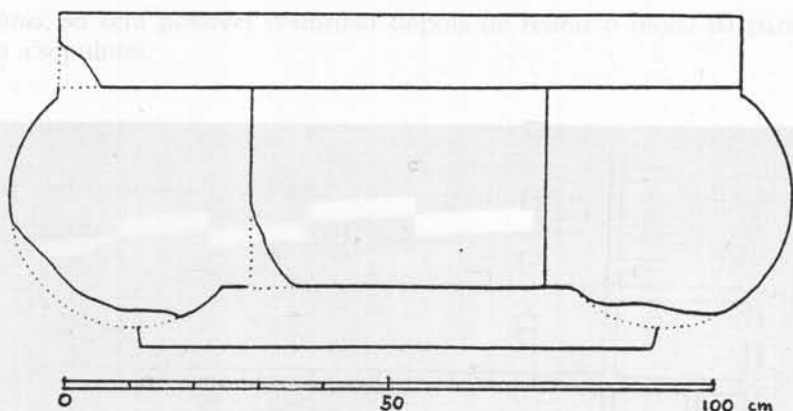


Fig. 7b – *Sellium* (Tomar). Capitel de forma jónica (Ponte).

Neste material recebeu o capitel a forma definitiva e a decoração por menorizada. Como exemplo deste aspecto referimos o capitel (fig. 8), já várias vezes mencionado, do pórtico situado atrás da *scenae frons* do teatro augustano de *Emerita Augusta* – Mérida (Hauschild, 1990; Brandão e Ribeiro, 1996).

Se compararmos com outras basílicas romanas da Lusitânia encontramos em *Pax Julia* (Beja) também grandes capitéis (fig. 7c) que J. de Alarcão (1990) propõe relacionar com a basílica do foro. Neste caso estamos perante capitéis de forma compósita, dos quais a parte superior jónica merece uma atenção especial pela sua excelente execução. Aparece aqui também um filete de óvulos com divisões em forma lanceolada. A forma das folhas, particularmente as das pontas que formam os triângulos ou olhos característicos, apontam para uma escola artística que terá permanecido ainda na tradição da época republicana tardia e da primeira época imperial. Como H. von Hesberg (1990) ressaltou num estudo sobre a decoração arquitectónica na Hispania, foi o capitel jónico o mais querido na época republicana. O exemplo de uma basílica bem conservada da época de Cláudio e com capitéis da ordem jónica pode ser encontrado em *Baelo Claudia*. Neste caso, a basílica ocupa também o lado oposto aos templos do foro (Roux, 1973, figs. 7 e 8; Pelletier, Dardaina, Sillieres, 1987).

Em Évora conservaram-se as formas graníticas dos capitéis, que, segundo os poucos restos conservados, não são tão imperfeitos como os de Mérida, da basílica de *Sellium* ou do teatro romano de Lisboa (fig. 9), se não mais elaboradas ainda, para poder aplicar o estuque com as formas em relevo. São estas formas decorativas que, de certo modo, definem também a cronologia do capitel. No caso de Évora, podemos situá-lo na primeira metade do século I d.C.

Fica ainda em aberto a possibilidade de novos achados poderem vir a fornecer mais dados sobre este interessante exemplo da decoração arquitectónica romana. Para a história da arquitectura, este capitel, que pertence provavelmente a um edifício monumental do foro de Évora, é um importante testemunho para a monumentalização das cidades, sobretudo na província mais ocidental do Império Romano, na sequência dos grandes empreendimentos urbanísticos das épocas de Augusto e dos seus sucessores.

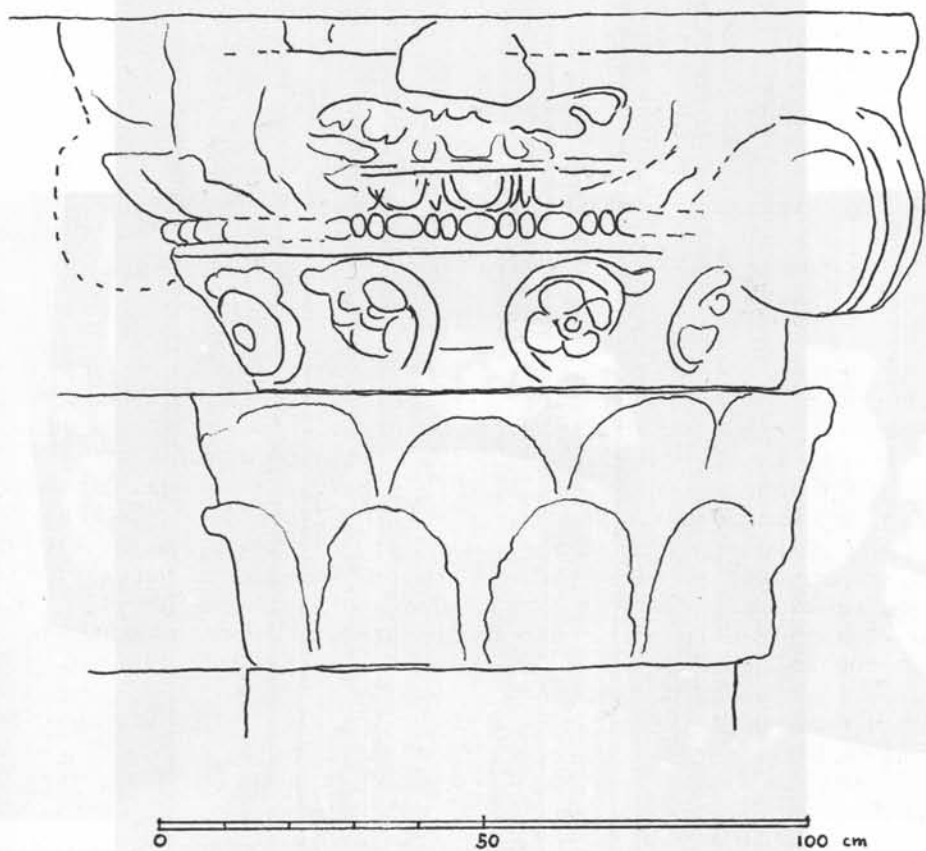


Fig. 7c – Pax Julia (Beja). Capitel de forma composta.



Fig. 8 – *Emerita Augusta* (Mérida). Capitel de forma jónica procedente do pórtilo do teatro augustano.



Fig. 9 – Lisboa, Teatro Romano. Capitel de forma jónica.

Bibliografia

- ALARCÃO, J. de (1990) – A urbanização de Portugal nas épocas de César e de Augusto. In *Stadtbild und Ideologie*. Madrid, München: W. Trillmich e P. Zanker. p. 43-57.
- BINGÖL, O. (1980) – Das ionische Normalkapitell in hellenistischer und römischer Zeit in Kleinasien. *Beibef. Istanbuler Mitteilungen*. 20, p. 23-40.
- BRANDÃO, M. A. e RIBEIRO, S. (1996) – Os capiteis romanos do teatro de Olisipo. In *Miscelânea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*. Lisboa. p. 477-484.
- ESPANCA, T. (1951) – O antigo paço arquiépiscopal de Évora. *A cidade de Évora*. Évora. p. 25-26.
- ESPANCA, T. (1966) – *Inventário artístico de Portugal. Concelho de Évora*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.
- GONÇALVES, A. (no prelo) – Intervenção arqueológica no Museu de Évora, 1996. In *Actas do 3.º Encontro de Arqueologia Urbana*. Almada. 1997.
- GUTIÉRREZ BEHEMERID, M. A. (1992) – *Capitales romanos de la Península Ibérica*. Valladolid. p. 27-56.
- HAUSCHILD, T. (1986) – Investigações efectuadas no templo de Évora em 1986. *Trabalhos de Arqueologia do Sul*. Évora, 1, p. 93-98.
- HAUSCHILD, T. (1990) – Das römische Theater von Lissabon. *Madrider Mitteilungen*. Mainz. 31, p. 379-380.
- HAUSCHILD, T. (1992) – Anotaciones sobre un capitel compuesto encontrado en Beja, Alentejo. In *Miscelânea Arqueológica*. Tarragona. p. 57-62.
- HAUSCHILD, T. (1994) – Évora. Vorbericht über die Ausgrabungen am römischen tempel, 1989-1992. *Madrider Mitteilungen*. Mainz. 35, p. 314-335.
- HESBERG, H. v. (1990) – Bauornamentik als kulturelle leitform. In *Stadtbild und Ideologie*. Madrid, 1987. München: W. Trillmich e P. Zanker. p. 347-350.
- PELLETIER, A.; DARDAINA, S.; SILLIERES, P. (1987) – Le forum de Belo. Découvertes récentes. In *Los foros romanos de las provincias occidentales*. Madrid. p. 165-172.
- PENSABENE, P. (1973) – *Scavi di Ostia VII, I Capitelli*. Roma.
- PONTE, S. da (1985) – Estação arqueológica na Rua Carlos Campeão: relatório preliminar de 1982-1983. In *Arqueologia na Região de Tomar – da Pré-história à actualidade*. Tomar. p. 91-101.
- ROUX, P. (1973) – La VII^{ème} campagne de fouilles a Belo: Bolonia, province de Cadiz. *Mélanges de la Casa de Velazques*. Madrid. 9, p. 755-757.